

# O Frankenstein criado por Carlos Seabra Suarez



## MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

A arte de fazer uso da estrutura do estado em benefício do interesse privado

A arte de fazer uso da estrutura do estado em benefício do interesse privado. Imagine-se a cena: o empresário tem interesse em explorar uma área portuária localizada na Baía de Aratu, Bahia. Não consegue comprá-la. O que faz? Alia-se ao município de Candeias para constituir uma empresa portuária sob a forma de economia mista: a Companhia de Docas de Candeias (CDC). Ato contínuo, após a constituição por autorização legislativa, o município de Candeias decreta de utilidade pública a área portuária integrada a um plano de recuperação judicial; ingressa com ação de desapropriação; deposita uma ninharia e pede a imissão de posse no imóvel que lhe foi concedido; e, após suspensa a ordem pelo ministro Luis Felipe Salomão, segue-se agressiva a abdução da área com a desatracação da balsa nela ancorada, largada à deriva, em uma desrespeitosa tentativa de tornar fato consumado a ocupação, em uma típica situação de desrespeito à autoridade do Judiciário.

Antecedentemente a este inusitado episódio, o Município faz um chamamento público para que “interessados” privados subscrevam o capital da CDC, tornando-se sócio majoritário controlador desta companhia. E quem se apresenta para ser sócio majoritário? A Bahia Terminais, de Carlos Suarez e seus filhos, Gabriel e Isabella, esta recentemente unida a presidente da Associação Comer-



Reprodução  
A CDC não possui licença e nem outorga para operação portuária. É uma empresa “pirata” no setor ignorando regulação

cial da Bahia, após ter sido Diretora de Meio Ambiente e Presidente da Fundação Bahia Viva, acusada de infrações ambientais variadas e, potencial integrante da chapa, como vice-governadora, do provável candidato ACM Neto. Nesse conclave de amigos, a direção da CDC foi dividida entre parentes do ex-prefeito que conseguiu reeleger o atual e filho Gabriel Silva Suarez e executivos de empresas de Carlos Seabra Suarez.

Esta estruturação empresarial, em que políticos e empresários se misturam, sem o menor pejo, criando, sob a forma de economia mista, esse frankenstein empresarial, traz uma novidade em relação à outras estruturas negociais de Carlos Seabra Suarez, envolvendo entes públicos relacionados à distribuição de gás, que lhe rendeu o título de Rei do Gás. Nessas empresas, Carlos Suarez é, tecnicamente, minori-

tário, por ter menos ações com direito a voto do que o ente público sócio, embora, por ter se tornado dono da maior parte das ações preferenciais, seja o maior beneficiário dos lucros dessas empresas detendo, assim, o poder econômico, que chega a alcançar 85% do capital social, e, provavelmente, manda nessas empresas em razão da leniência dos agentes públicos e de acordos de acionistas engendrados por advogados hábeis que lhe confere pleno poder nessas sociedades, a ponto de tomar o protagonismo do ente público estatal, que, em verdade é, por dispositivo constitucional detentor deste monopólio. Auferindo lucros expressivos que deveriam ser destinados ao Estado.

Com a inovação criada em Candeias, o pseudo “Rei do Gás” se superou, tornando-se detentor da maior parte das ações de controle com direito a voto, sem o disfarce utilizado nas companhias de gás tornando o Município de Candeias, simples acionista minoritário submetido aos seus caprichos e ordens.

Trata-se de um modelo instituído não a favor do interesse público que deveria ser o determinante, mas de um esperto modelo para atender interesse privado, que se adequa perfeitamente à velha frase de Otávio Mangabeira que, em outras palavras, consagra “pense num absurdo na Bahia tem precedente”, e lembra Gregório de Matos com o dístico “Triste Bahia, oh quão dessemelhante!”.

## PINGA-FOGO

■ DE OLHO NO FUTURO – Um levantamento do Instituto Fecomércio de Pesquisas e Análises (IFec RJ), feita com 914 consumidores da Região Metropolitana do Rio, entre os dias 16 e 25 de junho, mostrou que a confiança na situação futura cresceu nos últimos três meses. De acordo com os resultados, em março, o índice estava em 137,6 pontos e agora está em 142. Os destaques foram os subítemos confiança no emprego, que subiu de 156,9 para 162,7 pontos e renda familiar, de 136,9, em março, para 153,7 em junho.

■ NA CAPITAL DO PAÍS – Petrópolis, na Região Serrana do Rio foi convidada pelo Sebrae a participar do Transformar Juntos 2025, que reuniu lideranças públicas de todo o Brasil, em Brasília. O objetivo foi debater e impulsionar políticas de desenvolvimento econômico, inovação e melhoria da gestão pública. O evento nacional, realizado entre os dias 23 e 25 de julho, é um dos mais importantes do país quando se trata da integração entre os setores público e privado para o desenvolvimento sustentável dos municípios. Os secretários de Fazenda, Fábio Junior da Silva, e de Desenvolvimento Econômico, Samir El Ghaoui, representam Petrópolis no encontro.

■ PROJETO-PILOTO EM RESENDE - O prefeito de Resende, Tande Vieira, do PP, lançou o programa “Bairro Legal”, que promete transformar a rotina da cidade com ações integradas de manutenção urbana e zeladoria. O projeto-piloto foi lançado no bairro Monet, com a presença de secretários e equipes técnicas da administração municipal.

■ LOS HERMANOS – A Secretaria de Estado de Turismo do Rio de Janeiro divulgou uma análise referente ao turismo internacional que apontou que os argentinos ampliaram ainda mais a presença no estado em 2025. De janeiro a junho, o Rio recebeu 422.946 turistas argentinos, um aumento de 80% em relação ao mesmo período de 2024, quando foram 233.972 visitantes. Até o fim do ano, a expectativa é que 800 mil argentinos visitem o Rio.

## E la nave va, Marinha confirma inquérito

Carlos Suarez nunca poderia imaginar que uma ação truculenta realizada na área portuária que ele pretende anexar a da sua Bahia Terminais, que, apesar do nome, não possui autorização para atuar como terminal marítimo, fosse ganhar dimensões nacionais, e até ser alvo de inquérito da Marinha.

A reportagem do Correio da Manhã recebeu a seguinte nota da Marinha Brasileira: “Nota de Esclarecimento - CPBA - 23/07/2025- A Marinha do Brasil, por intermédio da Capitania dos Portos da Bahia (CPBA), informa que tomou conhecimento, na tarde do último domingo (20), da ocorrência de um incidente envolvendo uma embarcação do tipo balsa, que ficou à deriva nas imediações do Porto de Aratu, oferecendo risco à segurança da navegação local.

Segundo relatos preliminares, após a deriva, a embarcação encalhou na Baía de Aratu, sendo posteriormente removida e rebocada por seus responsáveis.

Diante dos fatos, a CPBA procedeu à notificação dos proprietários e dos responsáveis pela guarda da balsa, com o intuito de coletar infor-



Reprodução  
Marinha enviou nota ao Correio da Manhã

mações que subsidiem a investigação do ocorrido e a adoção das medidas administrativas pertinentes. O caso está sendo apurado por meio de Inquérito Administrativo sobre Acidentes e Fatos da Navegação, instaurado para esse fim.

A CPBA, na condição de agente da Autoridade Marítima, mantém atuação contínua de fiscalização e

ordenamento do tráfego aquaviário em sua área jurisdicional — que abrange aproximadamente 1.100 km do litoral baiano, incluindo a Baía de Todos os Santos. Suas atividades visam garantir a segurança da navegação, proteger a vida humana no mar e prevenir a poluição ambiental provocada por embarcações, plataformas ou instalações de apoio, conforme disposto na Lei nº 9.537/97 (LESTA) e regulamentado pelo Decreto nº 2.596/1998 (RLESTA).”

A reportagem do Correio da Manhã apurou que as mesmas pessoas que invadiram a área continuavam, nesta quarta-feira, dia 23 de julho. Só que agora existem escavadeiras e caminhões caçambas fazendo retirada de terras e vegetação, sem nenhuma licença ambiental e descarregando o material no terreno vizinho pertencente à empresa de Carlos Seabra Suarez. Um verdadeiro fusionalamento dos espaços.

## Fernando Molica

### Radicalização bolsonarista abre espaço para moderação lulista

A briga em torno dos impostos, a ofensiva contra decisões do Congresso e a chantagem de Donald Trump estimulada por bolsonaristas deram ao Planalto a chance decisiva de avançar sobre o eleitor que, como o PSD, não é de esquerda, de direita, nem de centro.

Aquele sujeito que não gosta de políticos e que, na urna, digita números dependendo da conjuntura. É o cara que costuma decidir os rumos do pleito e que tende a rejeitar posturas mais radicais — a menos quando a realidade já se apresenta extremada e ele quer forçar um freio de arrumação.

Em 1994, embalado pela estabilidade prometida pelo real e pelo fim da insuportável inflação, esse eleitor cravou Fernando Henrique Cardoso e repetiu a escolha quatro anos depois.

Em 2002, irritado com sinais de estagnação econômica, deu uma

chance àquele sindicalista que aparara a barba e o discurso, passara a usar ternos bem cortados e prometia crescimento, paz e justiça social sob uma trilha sonora acalentadora, que em nada lembrava as bravatas e convocações da esquerda.

A partir do início do mandato de Lula, esse eleitor viu que o diabo não era tão vermelho quanto parecia, que ninguém invadira sua casa, que a poupança ficara em seu lugar, que a estabilidade de preços fora mantida e que, ora veja só, a fome diminuía, pobres começavam a viajar de avião.

E tome de apertar o 13 nas três eleições seguintes, inclusive na 2014, mesmo com as derrapadas de Dilma Rousseff e as acusações de corrupção contra os governos petistas. Mas a bola já batia na trave: em 2018, baixou no eleitor o espírito do salvador da pátria

que, em 1989, já havia levado Fernando Collor de Mello para o Planalto.

Jair Bolsonaro encarnou o contra-tudo-que-está-ai, uma espécie de curupira que olha pra frente com os pés voltados para trás, que adora brincar de pique-retrocesso. Mais uma vez, aquele eleitor que, como no poema de Cecília Meireles, não é isso nem aquilo, foi decisivo.

Irritado com a recessão, com a roubalheira estampada nos jornais e na TV, mandou às favas os escrúpulos de contenção e elegeu o cara que elogiava ditaduras e torturadores — até porque seu principal adversário, que liderava pesquisas até um mês antes da eleição, tinha sido preso por determinação do juiz que viraria auxiliar de curupira. Com campo livre, Bolsonaro subiu a rampa com os pés virados para o passado que tanto exaltava.

Na eleição seguinte, uma boa parte daquele eleitor moderado saiu do transe

provocado pela cloroquina e, ainda sufocado pelo cheiro da morte estimulada pelo então presidente, deu uma nova chance ao velho barbudo que, desde então, procura escapar do presente de inspiração grega que recebeu das urnas: uma espécie de kinder ovo recheado de guerreiros pídoes, que exigem mais e mais emendas para não azedarem um chocolate que já não era tão doce assim.

Acuado pelo Congresso, viciado em truques que não faziam o mesmo efeito de outrora, Lula derrapava em busca de um rumo. Lambuzados pelo melado que tanto comiam, deputados e senadores deram a senha para a recuperação presidencial ao derrotarem o governo no caso do IOF: pior nem foi o placar, mas o olé escancarado imposto ao time do Planalto e o piscar de olhos acintoso na direção de Tarcísio de Freitas, o governador de São Paulo que tenta dar

cara moderada ao bolsonarismo, radical por princípio, meio e fim.

O governo reagiu, fez sua primeira boa ofensiva nas redes sociais e ainda contou com a ajuda de Trump — como o menino Super-Homem, o presidente norte-americano não sabe controlar a força, derruba paredes ao nela se apoiar.

Pressionado pela reação negativa às medidas da Casa Branca e pelo Supremo Tribunal Federal, o bolsonarismo reagiu atirando, fez questão de lembrar quem é, mesmo com o risco de aprofundar seu isolamento; o Centrão tem evitado até dar bom dia para os amiguinhos de camisa amarela.

Ao partir pro tudo ou nada, Bolsonaro faz o jogo que mais sabe jogar, mas corre o risco de, mais uma vez, entregar a Lula o perfil de menos radical, de mais palatável — e, agora, mais patriota que o adversário que passou a depender de Trump.